

Parte 2 - No CachoeiraDoc Existência e luta Tupinambá

Rosivaldo Ferreira da Silva
(Cacique Babau)

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SILVA, R. F. Existência e luta Tupinambá. In: CESAR, A., MARQUES, A. R., PIMENTA, F., COSTA, L., eds. *Desaguar em cinema: documentário, memória e ação com o CachoeiraDoc* [online]. Salvador: EDUFBA, 2020, pp. 123-135. ISBN: 978-65-5630-192-1. <https://doi.org/10.7476/9786556301921.0009>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Existência e luta Tupinambá¹

Rosivaldo Ferreira da Silva (Cacique Babau)

A luta pela retomada e a perseguição aos índios Tupinambá

Realmente a situação não é simples para quem luta por direitos. Principalmente nesse período após o golpe, a situação fica bem pior. Viu a lista de perseguições? E olha que nem está tudo lá, hein! Tem sempre um bocadinho a mais, pois a aldeia ficou ocupada cinco meses quando eu estava preso pela Polícia Federal, em 2010. Imagine, vivemos nessa perseguição contínua, mas isso talvez seja o combustível para continuarmos lutando e, se queremos melhorar o nosso país, a hora é agora, não é? A hora em que todo mundo fica consciente de que tudo está realmente errado e de que nós somos parte do erro por termos concordado com muitas coisas e aí nós estamos fazendo a diferença.

Os povos indígenas agora voltam a ser alvo principal do governo nesse momento. Reserva do Cobre, nada; a terra Guarani, cancelada. O ataque está generalizado em cima do direito principal das nações indígenas ou de qualquer nação que tem o direito à terra. O direito a ter um lugar para construir família, poder viver. Isso deveria ser natural a todo ser vivo. Até os pássaros que voam precisam de uma árvore para pousar. Não tem como hoje você falar de um pescador tradicional, de um ribeirinho e não se demarcar terra. Esse apagamento que foi falado aqui antes,² porque é importante mostrar o que os olhos acham belo e esconder aquilo com o que você não concorda. E com o que o Brasil não concorda? Com índios, negros, pobres, favelados. Mas nós somos sempre meio travessos, não é?

1 Transcrição de conferência no VI Colóquio Cinema, Estética e Política, realizado em articulação com o VIII CachoeiraDoc, no dia 04/09/2017, no Cine Theatro Cachoeirano.

2 Refere-se ao apagamento das imagens. (Nota dos organizadores)

Nós estamos sempre cobrando, reivindicando e passando à frente. Então as punições são severas. Muita morte no meio indígena, muitas prisões, prisões que muitas vezes nem reveladas são.

Os juízes da democracia estiveram algumas vezes lá na serra e vem acompanhando o caso, meu e de algumas lideranças, e eles disseram que nunca viram tamanha arbitrariedade. Eles disseram que provavelmente já morri algumas vezes e sobrevivi por graça de Deus porque quando me colocaram na prisão em 2010, a polícia especializada da Polícia Federal invadiu minha casa duas horas da manhã e todos encapuzados com as luzinhas na cabeça de metralhadora. Falaram que eu já sobrevivi a primeira vez quando sai dali vivo, as metralhadoras deles não funcionaram. Eles entram, retiraram-nos, cada um em um carro, e amanheçemos o dia em Mossoró. Quando os parentes chegaram: “cadê o cacique? Não está, sumiu. Vamos procurar”. Estava em Mossoró, Rio Grande do Norte, no presídio onde eu tive o prazer de encontrar Lula. Então falei “Lula, aquele presídio que você construiu, eu inaugurei, você como presidente...”. Tinha que falar, não é?

Ali nós ficamos dois meses. Aos poucos entrou todo mundo para transferir para um presídio mais leve rapidamente. Então falei “não, deixa aqui, quero sair quando julgar e a gente sai”. E seguramos lá. “Gente, que malucos, vocês vão pedir pra permanecer?”. “Sim, nós queremos sair livres”. Aí saímos. Quando nós fomos libertados, fomos sequestrados pela polícia e libertados em Brasília. Saulo vai pegar nós no presídio, quando pega se apresenta outro mandado de prisão e aí traz o governo da Bahia, não sabe que a gente está de volta na Bahia, não sabe onde está. A gente fica 12 dias num presídio de Itabuna com 22 pessoas que, segundo disseram para o meu irmão, foram contratadas para nos matar, mas não matavam por que viam a luta que a gente fazia. Nisso não eram diferentes, estavam ali presos, mas não eram inimigos da gente, pois apesar de lhes terem oferecido dinheiro, eles não iriam acatar. Isso já é outra sobrevivência, não é? Isso aconteceu num presídio em Itabuna, perto de casa, e ninguém sabia.

Tiveram que mobilizar o país todo, até a Organização das Nações Unidas (ONU), para que a polícia dissesse onde tinham colocado a mim e a meu irmão. E isso também traz um aprendizado, a gente sai, eles acham que vão me intimidar, que vão me fazer parar junto com meu povo. Milhares dos nossos morreram em torturas muito piores, por que nós vamos parar? Não, vamos continuar denunciando o que estamos enfrentando, porque nós entendemos que isso está além da luta da terra, é algo mais. Por isso nossa conversa com os parentes Guarani.

Fizemos umas visitas a eles, conversamos bastante e por isso estou respondendo pelo Mato Grosso do Sul. Tem uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI), então eles vão me indiciar muitas vezes porque, depois que fui ao Mato Grosso do Sul, eu também fui para o Pará, para Belo Monte, ajudar os parentes Munduruku em outra situação também entre os índios.

Eu fiz esse relato aqui para mostrar que tem uma coisa em comum entre todos nós. Todos precisam da terra, mas o que está impedindo a terra não é o fazendeiro, é a discriminação racial, pois ele se baseia na discriminação para violar direitos. Os Yaminauá falam a língua, o idioma materno, falam tudo, mas por falarem também em espanhol, além do português, os nossos políticos denunciam que eles, na verdade, são bolivianos, são outros que migram para o Brasil para pedir terra. Isso é discriminação porque quantos de vocês falam vários idiomas e não são acusados de não serem brasileiro?

Como é que alguém vai me explicar que uma situação dessa não é discriminação racial? Como é que nós somos encarcerados, escravizados, colocados em mosteiros de igrejas que nos ensinam a perder a nossa cultura, aprender uma religião que não é a nossa e adorar um Deus que não é o nosso e hoje ainda querem cobrar que nós sejamos como há 500 anos atrás para ter direito à nossa terra? É monstruosamente preconceituoso o fato de eu estar aqui, ser um Tupinambá e ter minha cultura preservada, mas eles não quererem levar em conta: “a pele é mais escura que o normal”, “você é negro”. Sim, o negro também não tem direito? Foram sequestrados de suas terras maternas, foram trazidos para cá e não têm direito!

Agora, porque o agronegócio precisa de grandes extensões de terra para um só enriquecer e empobrecer o resto da nação, nós temos que parar e abrir mão de nossos direitos comunitários e coletivos? Eles têm direito de matar muitos de nós e nenhum vai a júri, nenhum é julgado, mas quando um de nós mata alguém para salvar a nossa vida temos que ser encarcerados, temos que ser presos? As leis do país têm que ser alteradas toda vez que vê que o direito é nosso, porque só pode ter direito quem é empresário, rico e branco?

Vivemos num país onde as nações não tinham fronteira, cruzávamos a terra de norte a sul, de leste a oeste, sem preocupação. Agora um país cria fronteira e divide povos, divide nação e fala dos muros que são criados por aí.

Nós, povos indígenas estamos construindo uma grande aliança, conversando entre nós, vendo o que nos está acontecendo, mas aí o governo faz o quê?

Enfraquece cada vez mais a Fundação Nacional do Índio (Funai), enfraquece todos os órgãos que podem nos dar condição, mostrar quem somos. Em cada nação indígena pela qual passei, e até mesmo outro tipo de comunidade, como o Alemão, no Rio de Janeiro, eu falo o seguinte velho ensinamento Tupinambá: “Olha, eles podem ser poderosos, mas eles gostam de guardar dinheiro. Nós precisamos estocar alimentos, água e manter a luta, que quando nós não tivermos fome, nós conseguimos lutar, mas com fome qualquer um vai se ajoelhar”. Então estão nos dominando, toda imprensa divulga uma pobreza que não existe, amedrontando todos nós. Eu disse, nós podemos fazer a nossa própria economia, nós podemos construir nosso bem-estar. Agora, se quisermos ter a mesma fortuna que esses que aparecem na Lava Jato, aí nós não vamos chegar a lugar nenhum.

Eu acho triste que outros, tão pobres como nós, tão violados como nós, muitas vezes chegam com essa discriminação: “Ah, você é índio, mas você não está pintado?”. Sim amigo, mas a minha pintura não é para qualquer dia, a minha pintura faz parte da minha religiosidade, eu tenho a hora de me pintar, não é uma brincadeira que eu faço a qualquer momento. Eu tive já que fazer esse enfrentamento várias vezes.

O chamado e a retomada

A nossa existência Tupinambá se mantém através da nossa cultura religiosa e obedecemos como sempre a nossos encantados. Então, a partir do que eles dizem, seguimos sem contestar. O nosso avô, antes do falecimento, reuniu a mim, minha irmã e meu irmão mais velho e deu uma função a cada um. Meu irmão não precisava se formar, podia estudar só o básico. Minha irmã tinha que estudar e se formar porque ia cuidar da questão financeira do povo e eu era para estudar, mas não me deu função porque era o futuro que ia determinar. Bom, até agora eu acho que eu estou indo no caminho, uma hora eu descubro, não é?

Lá na serra, todo mundo aprendeu a dirigir sem ninguém ensinar. “É o carro, vamos ver, entra aí, se morrer morre todo mundo, sobe dentro do carro e aí desce”: nós aprendemos assim. Então, talvez esse não-ter-medo-da-morte e não-ter-medo-do-desconhecido não nos intimide, não crie barreiras, e eu sou muito disso. Me chamou, eu não sei onde é, vamos embora, vamos lá.

Olha bem, espera mais de 80 anos, em 1926 foi a demarcação Tupinambá e Pataxó cinquenta léguas em quadra. Nós fomos atacados por Getúlio Vargas,

12 anos de ocupação militar na Serra do Padeiro e Serra das Trempes. Eles nos consideram comunistas, dizem que não existimos. Para o governo, Tupinambá da Mata estava extinto porque não admitiam que a gente não cedia a eles. Depois nós fomos ordenados pelos nossos encantados por ter morrido muita gente nossa, que só podia lutar pela terra quando eles voltassem a autorizar. Nós tivemos que morar no meio de vários povos e, quando eles autorizam, estamos prontos e firmes para guerra. E foi exatamente no ano 2000 que se iniciou a volta da luta Tupinambá. Não que nós tivéssemos parado de lutar, nós estávamos lutando o tempo todo, mas assim para todo mundo ver, conhecer e comentar aqui foi a partir daí.

A questão das imagens

Aí esses filmes, uns vêm para nos ajudar, e outra grande quantidade vem para nos dizimar. E quais são mais assistidos? Os que vêm dizimar são os mais elogiados, aquele que mata mais índio é o que é mais assistido (é divertido ver o índio tombar e os outros chorarem ali junto). Enquanto nós não mudamos essa realidade em que quanto mais morte tem nos filmes mais agradáveis eles são, mais violenta será a sociedade. Nós estamos fazendo um grave erro, estamos formando uma sociedade de bandido que está treinando bandido. Isso é muito sério, então vamos pegar o que nós temos, vamos fazer diferente, botar uma rádio na serra, o Cine Curumim... estamos nos divertindo, só sai brincadeira, piada, fofoca, coisa que nos faz lembrar as nossas origens.

Bom, o rapaz aí fez a pergunta da questão das imagens. Esse é o momento em que nós tínhamos uma imprensa hegemônica, tudo na mão dos grandes poderosos. O governo brasileiro pega exatamente as concessões públicas, dá algumas a empresários, que eles acham que é empresa privada. A concessão pública no Brasil na verdade não é pública, ela não serve em nada ao público e sim ao privado. Uma coisa que questiono dentro do Congresso Nacional é: qual é o direito da Bandeirantes ter uma concessão pública e contrariar o que está no artigo da constituição, colocando os povos indígenas em risco? Constantemente a Rede Globo, a Bandeirantes, vários outros canais, a Record... colocam os povos indígenas e outros povos em risco quando transmitem suas matérias altamente preconceituosas e criminalizadoras, mesmo sendo falsas, como a Bandeirantes,

que fez matéria várias vezes dizendo que eu tinha matado um líder sem terra. Botou a minha imagem durante 15 minutos no ar e quando vou a Brasília sou preso pelo um crime de uma pessoa que eu nem conhecia?

Então nós estamos falando de concessão pública que não é utilizada para o bem comum público, é usada só para enriquecer alguns, virar um patrimônio gigantesco e manipular sociedade. Então hoje o que eu vejo é isso, é tirarmos esse poder majoritário, e é isso que vocês estão fazendo: produzindo um cinema de base, criando as rádios comunitárias e deixando o povo, a sociedade ter acesso. Agora, com a internet, Facebook, WhatsApp, estamos conseguindo desmentir, contradizer o que dizem sem precisar nos expor, porque quando sentamos com essas grandes empresas para dar nossa versão, eles editam e o que a gente fala sai contra nós de novo. Nós estamos processando a Bandeirantes por causa disso lá em São Paulo, tem outros processos contra a *Época*, que divulgou minha imagem e botou R\$ 30 mil para quem me matasse e foi a vez em que a revista foi mais vendida no país.

Então, mostrar um cinema diferente. Hoje os povos indígenas estão se apropriando dessa tecnologia, vários povos indígenas já têm a sua equipe de filmagem. Na Serra do Padeiro, por exemplo, quando teve o ataque da Polícia Federal, em 2008, deixamos alguns índios para fotografar. Eles atacaram, nós reagimos e registramos. Quando a Polícia Federal deu a versão dela, que era mentira, a gente apresentou mais de 500 fotos mostrando o contrário. Então eu acho que esse é o caminho, devagar, deixando os pobres terem acesso à tecnologia e mostrarem a sua história. Precisamos, nós mesmos, ser protagonistas da nossa própria história.

Política de demarcação e a retomada

A antropóloga diz: “Vou fazer o estudo da terra e quando se faz estudo da terra vocês não podem fazer luta, vocês têm que ficar quietos, calmos, para não gerar situação”. Chegando à aldeia Serra do Padeiro, nós falamos para ela a nossa história Tupinambá, nós não mudamos, nós somos o que nós somos no dia a dia e não recebemos ordem e ela foi dar uma ordem que não funcionou bem. Aí nós falamos para ela: “Você acabou de cometer o maior erro de sua vida, é chegar na casa de Tupinambá e dizer o que Tupinambá tem que fazer. Você vai embora e nós vamos fazer a primeira retomada que não é você que demarca a terra

Tupinambá. A terra é nossa, nós sabemos por onde passa e vamos demarcá-la de qualquer jeito”. Aí ela foi embora, nós fizemos a primeira retomada na serra, fizemos a segunda, a terceira, aí até convenci os parentes de Olivença de que tinham que brigar também, fazer retomada até chegar ao auge. Quando chegou a ordem dos encantados de que a gente na serra tinha que resolver parcialmente um problema, deixamos os pobrezinhos quietos, mas aqueles ricos que estavam prendendo a gente, forjando as nossas mortes, tínhamos que tirar e só tínhamos uma semana para isso, começando na segunda e terminando na sexta. A gente foi tão empolgado que quando deu na quarta-feira, já tínhamos tirado. Eu sei que numa semana saíram 400 fazendeiros, então eu acho que foram os encantados que fizeram, porque foi muito pouco índio para fazer tudo isso e foi bem sucedido.

Viver a comunidade

Hoje acho que é uma tendência mundial prestar atenção em quem vive coletivamente, tem uma família grande, bate papo, fala bobagem, vive mais e fica mais sóbrio mais tempo. Mas foi criada uma sociedade em que se tem medo do outro, de que o outro vai tomar o que é seu porque eles vieram tomando tudo que havia, mas é hora da gente empurrá-los mostrando que não, que é hora de repartir tudo que se tem. Temos que dizer que lá o coletivo tem de prevalecer, que ali é a terra, não pode dizer que tem dono. Veja se nós indígenas dizemos que somos dono da terra, não, nós demarcamos a terra para nossa sobrevivência física e cultural para nós continuarmos ali. Essas questões de ser dono têm que mudar porque quando a gente morre não é dono de nada, deixa apenas conflitos por causa dessa tarja “sou dono”.

Nós sabemos que algumas pessoas não são muito dadas assim a cultivar o solo e outras são, mas quando você coloca alguém que só gosta de pescar com quem gosta de cultivar, a tendência é o que? Questionar, “Fulano é preguiçoso, só quer caçar, só quer pescar”, porque isso é uma coisa ensinada, mas nós achamos que isso é interessante e falamos: “então vamos colocar os caçadores e pescadores em uma posição e vocês do solo aqui, porque o peixe que ele pega precisa da sua farinha para comer e você não vai comer só a farinha, você precisa do peixe que ele pega”. Com isso você consegue o quê? Fazer a unidade, onde um

entende que nenhum trabalho é menor, nenhum trabalho é menos importante, que aquele que fica para cozinhar o alimento é tão importante quanto aquele que foi plantar e toda vez que tem qualquer dificuldade nessa linha a gente senta, reúne todo mundo e discute.

O dinheiro é um meio para obtermos alguma coisa que foi inventada, mas não pode ser o dinheiro que vai nos afastar agora por causa daquele chão onde a gente planta a nossa coletividade. Ali vale a resistência, ali podemos enfrentar, ali vale a pena morrer, vale a pena morrer porque ali nós podemos ser enterrados. Tendo a terra você vai ter tudo que quiser, tudo que sonhar – a vida, a esperança, o sonho, a história – e quando alguém volta ao lugar onde nasceu, mas morre por causa de coisa fabricada pelo humano e você pode comprar outra... Enquanto nós achamos que ter carro, ter não sei o que é mais importante, vai ter a demanda de minério muito grande e aí nós vamos ser atacados na coletividade o tempo inteiro, vai ter estudo cada vez mais forte para tirar esse direito coletivo nosso, tudo parte de uma consciência coletiva. Eu acho que as universidades têm que voltar para a consciência coletiva, quando um cientista pensa só, ele não vai longe, mas quando vários cientistas pensam juntos alcançam alguma coisa. Essa é a diferença porque cada um sabe um pequeno pedaço da história, mas vamos mudar a história mudando a nós mesmos.

As mulheres

O povo indígena, no geral, alguns falam até que é machista, não é? Nós Tupinambá temos uma questão diferente porque somos um povo em que as mulheres têm um singular respeito. Assim como a pedra é a origem da vida, a mulher é como se fosse a Mãe Terra, é dela que brota a vida.

Eu estou falando isso o tempo todo porque as mulheres do Tupinambá são quem cuida de fazer feira, comprar tudo, organizar tudo, porque entendemos que ela sabe lidar com dinheiro. Nós não sabemos lidar com dinheiro. Então quando elas resolvem questionar alguma coisa, os homens levam a sério.

E na guerra quando vai fazer uma retomada, os homens ficam a fim de proteger tudo para ninguém chegar perto, nem das mulheres e nem das crianças, porque é nosso futuro, é nossa gente. Só que as mulheres Tupinambá querem ser linha de frente junto com os guerreiros. Em algumas etnias não, as mulheres ficam

sossegadas lá e os homens fazem a cobertura, proteção total. Nos Tupinambá isso variou, está todo mundo com a borduna na mão, quando a gente chega, elas já chegaram, e aí a gente tem que conter, tem que conversar com elas: “Olha, mais devagar”. Elas falam logo: “Se os homens não vão, vamos nós”. O homem jamais quer ser desmoralizado dessa forma, essa é a coisa boa de formar a guerra, é só um desafio e está tudo bem.

Alguns pensam que os Tupinambá são patriarcais, mas quem visualiza acha que são matriarcais porque as mulheres dão mais ordem, estão mais à frente. Nós temos associação na serra em que o máximo a que um homem conseguiu foi chegar a secretário, nunca tesoureiro, nunca presidente, nada, e nem há interesse dos homens nisso. Eles alegam que vão ter que montar projeto, vão ter que fazer coisas de que não gostam e isso eleva muito a responsabilidade, o que é bom porque as mulheres não ficam acomodadas, elas sabem que são uma parte importante, o elo importante dentro dessa organização social e se elas fraquejarem o povo todo perde a guerra. Se as mulheres Tupinambá forem vencidas, os homens não têm como guerrear.

Nossas mulheres retêm também uma coisa, a questão espiritual mais poderosa. O homem faz um ritual e faz o efeito, mas se uma mulher Tupinambá fizer, pode ter certeza, vai ser muito mais rápido e muito mais emplacado porque nela foram acumulados todos os saberes para se manter vivo. Delas depende a existência dos Tupinambá.

Movimentos sociais

Aí entra a questão do movimento social no Brasil. Eu posso falar com conhecimento de causa por participar profundamente do movimento. Eles são muito ciumentos entre si, uma coisa que não acontece no movimento indígena. O movimento indígena consegue se juntar rápido e guerrear rápido. Quando vai para Brasília é uma honra quando nós encontramos outros guerreiros de outras aldeias, nós nos elogiamos, nós queremos a coisa para frente, mas quando vêm os outros movimentos sociais começa: “aqui o meu grupo é melhor”, “a minha bandeira é melhor”, “o meu negócio é não sei o quê”. Vamos guerrear como, se um pedaço de pano passa a ser mais importante do que o ser humano? Eu acredito que precisamos trabalhar psicologicamente esse negócio do domínio do ser

maior, qual o movimento maior, pois nós somos família, somos primos, sentimos quando matam um índio em qualquer parte, é o nosso sangue que foi derramado. não importa a etnia. Isso é o que o restante do povo brasileiro precisa sentir e cada brasileiro que perde a vida é parte da família que perdeu a vida, e nós temos que questionar quem provocou isso, não qual é o movimento mais forte, qual é o movimento mais fraco. O Movimento Sem Terra (MST) se dividiu em não sei quantos movimentos e um questiona o outro, isso divide a força. Como é que vai ganhar a guerra com força dividida?

É uma contradição que o movimento social faz e sem parar para fazer uma crítica. Porque ao movimento indígena, não importa a ocasião, quando chega é para guerrear, o índio gosta de brigar, você tem uma boa briga, mas não é meu parente, nós estamos lá, desde que ela valha a pena. E outra coisa, na guerra nós não gostamos de ceder. Quando estava discutindo vários enfrentamentos, o movimento indígena bateu de frente com o movimento negro, porque o movimento indígena entendeu que não dava para empurrar aquela discussão do jeito que o governo queria, então movimento indígena, se fosse daquela forma, se retirava do processo de discussão, nós não iríamos entregar. Não dá, com o governo ou é tudo ou é nada, e os nossos povos indígenas sabem disso.

O que faz a gente perder briga, perder qualquer luta, é que alguém venha de lá e coloque aqui uma pulguinha atrás da orelha da desconfiança, então você começa a desconfiar de seu amigo do lado e não tem mais coragem de usar 100% de sua força junto com ele porque você está com dúvida. A guerra é assim: há várias formas de guerrear, e uma delas é essa, usar a desconfiança para vencer a multidão. O único jeito de vencer a multidão é implantar entre a desconfiança de um pelo outro e o governo faz isso e fez isso em todos os movimentos sociais, captando e botando no governo para servir e depois dizer que foi comprado, virou pelego do movimento, então ninguém acredita mais nele. Isso foi dividindo.

Nós brasileiros precisamos mudar, precisamos confiar um no outro se queremos ir para multidão e mudar o que está aqui no Congresso Nacional, mudar o nosso país, nós temos que confiar em nós mesmos – mulher, índio, negro –, votar um no outro na hora da eleição e renovar, porque os favelados, os abandonados e os encarcerados são maiores do que todos que governam o país, mas infelizmente votamos neles porque não confiamos em nós mesmos.

Nós, na Serra do Padeiro, recebemos uma missão para a terra porque a terra é um altar sagrado, templo dos encantados, onde os índios de várias etnias foram

assassinados. Ela pediu para fazer ritual, primeiro tínhamos que tirar os brancos dali e mandar os encantados virem morar na serra para descansar e ter sossego, ter paz, porque não tinham, não têm paz nem depois da morte porque em cima de seus túmulos está atrocidade. Isso eles falaram que também seria um refúgio para a vida (a serra) e nós retomamos. Quando retomamos a serra, os encantados de todas as aldeias migram e vêm para serra, e vêm nos ver, contar o que acontece com cada povo, e volta, eles vêm o tempo inteiro. Então inúmeros encantados que não eram conhecidos passam a ser conhecidos. Eles vêm ensinar a cultura para gente, dizer de que povo são, a que povo pertencem, como é que faz. Havia anos, gerações, que não sabíamos o que era uma onça, várias espécies de macacos não conhecíamos, a gente só via contar a história, e com a retomada todo tipo de onça e gato do mato apareceu, agora onça pintada, suçuarana, a onça lombo preto, a jaguatirica. E várias espécies de macacos e de pássaros surgiram. Então quer um privilégio maior do que esse, de tudo que era considerado extinto na mata atlântica, você chega na Serra do Padeiro e pode encontrar? Eu acho que algo maior do que isso não existe na terra. Fomos recompensados e confortados por ter feito uma guerra justa e agora nós estamos na nossa terra, mas os encantados entendem a natureza, entenderam que ela é nossa e vieram morar conosco, mas será que os governantes entenderam que ela é nossa? Foi aí que os encantados falaram: “Olha, vieram centenas de cobras diferentes morar com vocês, não matem nenhuma, porque elas vão servir para proteção de vocês, não matem nenhuma pico-de-jaca porque o pistoleiro que vem matar vocês vai vir à noite pelos matos e ela já está lá, com a dentada dela ele não sobrevive, então a natureza faz sua parte”. Nós não matamos desde que os encantados pediram, nós não caçamos mais capivara, nós não caçamos mais caititu, os diversos bichos nós não caçamos mais porque é alimento dela, se ela tem um alimento dela, ela não vai mexer com a gente. Nisso entra a concepção humana de que nós também temos que ser geradores de alimentos para os animais, pois a mesma violação que fizeram conosco, índios, fizeram com nossos animais, tiraram o território deles.

Eu agradeço a todos. Muito obrigado pela atenção. É a segunda vez que sou convidado aqui e tudo que eu falei, se quiser ver é só fazer uma visita e vai ver pessoalmente na aldeia. Porque falar até papagaio fala, certo?